

**PIRANDELLO
PIRANDELLO
PIRANDELLO
PIRANDELLO
PIRANDELLO
EM CINCO ATOS**

SELEÇÃO, TRADUÇÃO E POSFÁCIO MAURÍCIO SANTANA DIAS

CARAMBAIA

6

O TORNIQUETE

46

LIMÕES DA SICÍLIA

86

A PATENTE

114

O HOMEM DA FLOR NA BOCA

136

O OUTRO FILHO

172

POSFÁCIO

O TO
RNIQ
UETE

EPÍLOGO EM UM ATO
NOVEMBRO DE 1892



PERSONAGENS

ANDREA FABBRI

GIULIA

O ADVOGADO ANTONIO SERRA

ANNA, EMPREGADA DOMÉSTICA

**NUMA CIDADE DO INTERIOR.
HOJE.**

**UM CÔMODO DA CASA DOS FABBRI.
SAÍDA COMUM AO FUNDO.
SAÍDA LATERAL À ESQUERDA.
DUAS JANELAS LATERAIS À DIREITA.**

Aberto o pano de boca; Giulia, que está junto à janela mais ao fundo, de costas para o público, olhando para fora, faz um movimento de surpresa e recua; põe numa mesinha o trabalho de crochê que tem nas mãos e vai fechar a porta à esquerda, depressa, mas cautelosa; depois, fica aguardando ao lado da porta ao fundo.

Entra Antonio Serra.

GIULIA *(enlaçando-lhe o pescoço com os braços, em voz baixa, contente):* Já aqui?

ANTONIO *(esquivando-se perturbado):* Não, por favor!

GIULIA Você não está sozinho? Onde deixou Andrea?

ANTONIO *(pensativo):* Voltei antes: esta noite.

GIULIA Por quê?

ANTONIO *(irritado com a pergunta):* Arranjei uma desculpa. Na verdade, vim por outro motivo. Precisava estar aqui de manhã, para tratar de negócios.

GIULIA Você não me disse nada. Podia ter avisado.

ANTONIO *(olha para ela e não responde)*

GIULIA O que aconteceu?

ANTONIO *(em voz baixa, mas vibrante, quase com raiva):* O quê? Acho que Andrea suspeita de nós.

GIULIA (*demonstrando surpresa, cheia de espanto*): Andrea? E por que essa desconfiança? Você se traiu?

ANTONIO Não; nós dois, talvez!

GIULIA (*idem*): Aqui?

ANTONIO Sim. Enquanto ele estava descendo... Andrea ia descendo na minha frente, lembra? Com a mala. Você segurava a vela na porta. E eu, ao passar... Meu Deus, como às vezes a gente é idiota!

GIULIA (*idem*): Ele nos viu?

ANTONIO Tive a impressão de que se virou para trás, enquanto descia.

GIULIA Oh, meu Deus... e você veio me avisar... É isso?

ANTONIO Você não notou nada?

GIULIA Eu, não, nada! Mas onde Andrea está? Onde?

ANTONIO Me diga uma coisa: eu já estava descendo quando ele chamou você?

GIULIA E se despediu de mim! Então foi ao se virar, no patamar de baixo?

ANTONIO Não, antes, antes.

GIULIA Mas e se ele tivesse visto a gente...

ANTONIO Entrevisto, se tanto. Um relance!

GIULIA E deixou você vir antes? Será possível? Tem certeza de que ele não viu também?

ANTONIO Absoluta, certeza absoluta. E antes das onze não há outra condução partindo da cidade. (*Olha o relógio.*) Está para chegar. Enquanto isso, essa incerteza... pendurados num precipício... entende?

GIULIA Quietos, quietos, por favor! Calma. Fale tudo. O que ele fez? Quero saber tudo.

ANTONIO O que quer que eu diga? Nesse estado, as palavras mais inofensivas parecem alusões: cada olhar, um gesto; cada tom de voz, um...

GIULIA Calma... Calma...

ANTONIO Sim, calma, calma, é fácil falar!

Breve pausa. Fica um pouco mais tranquilo; e então:

Aqui, lembra? Antes de partir, ele e eu discutíamos sobre essa maldita questão que precisávamos resolver na cidade. Ele estava exaltado...

GIULIA Sim, e daí?

ANTONIO Assim que descemos à rua, Andrea parou de falar, ia de cabeça baixa; olhei para ele, estava

perturbado, o cenho franzido... “Ele notou!”, pensei. Eu tremia. Mas de repente, com um ar franco e natural, ele me diz: “Triste, não é? Viajar de noite... deixar a casa à noite...”.

GIULIA Desse jeito?

ANTONIO Sim. Achava triste também para quem fica. Depois, uma frase... (suei frio!). “Despedir-se à luz de vela, descendo uma escada...”

GIULIA Ah... e como ele disse isso?

ANTONIO *(com a mesma voz, com naturalidade)*: não sei... Fazia de propósito! Falou das crianças que tinha deixado na cama, dormindo; mas não com aquele amor simples, que acalma – e também de você.

GIULIA De mim?

ANTONIO Isso mesmo, mas olhando para mim.

GIULIA E o que ele disse?

ANTONIO Que você ama muito os filhos.

GIULIA Mais nada?

ANTONIO No trem, retomou a conversa sobre a pendenga jurídica. Perguntou sobre o advogado Gorri, se eu o conhecia: ah, quis saber entre outras coisas

se ele era casado (e ria). Isso, por exemplo, não tinha nada a ver com o assunto... Ou era eu que...

GIULIA *(rápida)*: Silêncio!

ANNA *(aproxima-se da entrada ao fundo)*: Desculpe, senhora. Devo ir buscar as crianças?

GIULIA Sim... Mas espere um pouco...

ANNA O patrão não volta hoje? Os coches já foram para a estação.

ANTONIO *(olhando o relógio)*: São quase onze horas.

GIULIA Ah, é? Já?

Para Anna: Espere mais um pouco... Eu aviso.

ANNA *(retirando-se)*: Sim, senhora. Enquanto isso, termino de pôr a mesa.

Sai.

ANTONIO Ele vai chegar daqui a pouco.

GIULIA E você não consegue me dizer nada... não foi capaz de se certificar de nada...

ANTONIO Claro! Se ele de fato estiver suspeitando, sabe fingir muito bem.

GIULIA Ele? Violento do jeito que é?

ANTONIO Pois então! Será que minha desconfiança me fez perder o senso a esse ponto? Será? Várias vezes, veja, por trás das palavras dele, tive a impressão de ler alguma coisa. No instante seguinte, dizia a mim mesmo, para me tranquilizar: “É o medo!”. Eu o estudei com atenção, observei o tempo todo: como me olhava, como falava comigo... Você sabe que ele não é de falar muito, no entanto, nesses três dias, precisava ver! Mas com frequência se fechava num silêncio demorado e inquieto, para logo sair dele retomando a conversa sobre o negócio... “Estava preocupado com aquilo?” – eu me perguntava – “ou seria por outra coisa? Talvez agora esteja falando para dissimular a suspeita...”. Uma vez até achei que ele tivesse evitado apertar minha mão... Veja bem, ele notou que eu lhe tinha estendido a mão! Fingiu que estava distraído; realmente ele estava meio estranho no dia seguinte à nossa viagem. Eu tinha dado dois passos, ele me chamou. “Se arrependeu!” – pensei na hora. E de fato ele disse: “Oh, me desculpe... Ia me esquecendo de cumprimentá-lo... Dá na mesma!”. Falou de você outras vezes, da casa, mas sem nenhuma intenção aparente; assim... Mas tive a impressão de que evitava me olhar de frente. Em muitas

ocasiões repetia frases três, quatro vezes, sem um sentido preciso... como se pensasse noutra coisa... E, enquanto dizia coisas disparatadas, de repente achava um modo de me falar bruscamente de você ou das crianças, e me fazia umas perguntas. De caso pensado? Quem sabe! Esperava me surpreender? E ria; mas com uma alegria estranha nos olhos...

GIULIA E você?

ANTONIO Ah, eu ficava sempre em guarda.

GIULIA Deve ter notado sua desconfiança!

ANTONIO Mas se ele já suspeitava!

GIULIA Pode ter confirmado a suspeita. E depois, mais nada?

ANTONIO Sim... Na primeira noite, no hotel (ele quis pegar um quarto só, com duas camas), estávamos deitados fazia um tempo, ele percebeu que eu não estava dormindo, ou melhor, percebeu não: estava tudo escuro! Supôs. E veja bem, imagine só, eu nem me mexia, ali, de noite... no mesmo quarto que ele, e com a suspeita de que ele soubesse... imagine! Eu estava com os olhos arregalados no escuro, esperando... Vai saber! Para me

defender... De repente, no silêncio, ouço estas exatas palavras: “Você não está dormindo”.

GIULIA E você?

ANTONIO Nada. Não respondi. Fiz de conta que estava dormindo. Logo em seguida, ele repetiu: “Você não está dormindo”. Então eu perguntei: “Você disse alguma coisa?”. E ele: “Sim, queria saber se você estava dormindo”. Mas não estava perguntando quando disse: “Você não está dormindo”. Preferia a frase com a certeza de que eu não estava dormindo, de que eu não conseguia dormir, compreende? Ou pelo menos foi o que me pareceu.

GIULIA Só isso?

ANTONIO Só isso. Não preguei o olho duas noites.

GIULIA E depois, com você, ele continuou o mesmo?

ANTONIO Sim. O mesmo.

GIULIA Todos esses fingimentos... Ele! Se ele nos tivesse visto...

ANTONIO Mas ele se virou enquanto descia...

GIULIA Mas não deve ter percebido nada! Será possível?

ANTONIO Na dúvida...

GIULIA Mesmo na dúvida, você não o conhece! Dominar-se assim, ele, sem deixar extravasar nada. O que é que você sabe? Nada! Mesmo admitindo que ele nos tenha visto, enquanto você passava e se inclinava para mim... Se ele tivesse tido a mínima suspeita... de que você tinha me beijado... teria subido de volta... ah, com certeza!... imagine como ficaríamos! Não, escute, não: não é possível! Você ficou com medo, só isso! Andrea não tem motivos para suspeitar de nós. Você sempre me tratou com familiaridade na frente dele.

ANTONIO Sim, mas a suspeita pode nascer de uma hora para outra. Entende? Uma infinidade de outros fatos quase despercebidos, sem que ele desse importância, de repente ganham outra cor, cada gesto impreciso se torna uma prova, e a dúvida vira certeza: este é o meu temor.

GIULIA É preciso ter cautela...

ANTONIO Agora? Eu sempre lhe disse!

GIULIA Agora vai me jogar na cara?

ANTONIO Não joga na cara coisa nenhuma. Eu não lhe disse mil vezes? Cuidado... e você...

GIULIA Sim... Sim...

ANTONIO Não sei qual o prazer em se deixar descobrir assim... por nada... por uma imprudência de nada... como três noites atrás... Foi você...

GIULIA Sempre eu, claro...

ANTONIO Se não fosse por você...

GIULIA Sim... o medo.

ANTONIO Mas você acha que temos motivo para estar alegres, você e eu? Principalmente você!

Pausa. Ele passeia pelo cômodo e então para: Medo! Acha que eu não me preocupo com você também? Medo... Se você pensa assim...

Pausa. Volta a ir de um lado para outro.

A gente confiava demais, é isso! E agora todas as nossas imprudências, todas as nossas loucuras me saltam aos olhos, e eu me pergunto como ele não suspeitou de nada até agora! E como não? A gente se amar aqui... pode-se dizer que na cara dele... tirando proveito de tudo, da mínima oportunidade... bastava ele se afastar um pouco;

e até na presença dele, aqui, com gestos, com olhares... Dois loucos!

GIULIA *(após uma longa pausa)*: Vai me recriminar agora? É natural. Enganei um homem que confiava mais em mim do que em si mesmo... Sim, a culpa é minha, de fato, sobretudo minha...

ANTONIO *(olha para ela, para; então torna a dar voltas e diz, brusco)*: Eu não quis dizer isso.

GIULIA Mas é isso, é isso, eu é que sei! E veja só, você pode até acrescentar que eu fugi de casa com ele, e que fui eu, eu, que quase o forcei a fugir, porque o amava, e depois o trai com você! É justo que agora você me condene, justíssimo!

(dirigindo-se a ele, febril): Mas eu, escute bem, eu fugi com ele porque o amava, e não para encontrar aqui toda esta tranquilidade... todo esse conforto numa casa nova. Eu já tinha a minha, não teria ido embora com ele... Mas ele, claro, ele precisava desculpar-se perante os outros da leviandade cometida: homem sério, ponderado... Ah, sim! A loucura já estava feita, era preciso remediar! Reparar tudo, e depressa! Mas como? Entregando-se ao trabalho, refazendo para mim uma casa luxuosa, cheia de ócio... E assim ele

trabalhou feito um condenado; só pensou em trabalhar, sempre, não desejando mais nada de mim senão elogios por sua operosidade, por sua honestidade... e ainda por cima minha gratidão! Sim, porque eu podia ter um destino pior. Ele era um homem honesto, sim, me faria rica de novo, ele, como antes, mais do que antes... A mim, me dava isso, a mim, que o esperava toda noite impaciente, feliz com o retorno dele. Voltava para casa cansado, exausto, contente com seu dia de trabalho e já pensando nas tarefas do dia seguinte... Então, por fim, eu também me cansei de ter que quase arrastar esse homem a me amar à força, a corresponder ao meu amor à força... A estima, a confiança, a amizade do marido em certos momentos parecem uma ofensa à natureza... E você se aproveitou disso, você, que agora me joga na cara o amor e a traição, agora que o perigo apareceu, e você está com medo, estou vendo, está com medo! Mas o que é que você perde? Nada! Já eu...

Cobre o rosto com as mãos.

ANTONIO *(após uma breve pausa):* Você me aconselha calma... Mas se eu tenho medo... é por você... por seus filhos.

GIULIA *(impetuosa, rápida, com um grito):* Não, não fale nos meus filhos!

(depois, desfazendo-se em lágrimas): Pobres inocentes!

ANTONIO Agora você chora, estou indo...

GIULIA Ah, agora, sim! Agora você não tem mais nada que fazer aqui.

ANTONIO *(de pronto, grave):* Você está sendo injusta! Eu a amei, assim como você me amou – você sabe! Eu lhe aconselhei prudência... Fiz mal? Mais por você do que por mim. Sim, porque eu, no caso, não perderia nada. Você mesma disse.

Breve pausa, depois, destacando as palavras: Nunca a recriminei nem a acusei de nada: não tenho o direito...

(passa uma das mãos nos olhos e depois, mudando o tom de voz e a atitude): Vamos, vamos... pare com isso... Andrea não deve saber de nada... você mesma acha... e deve ser assim... Também já acho pouco provável que ele tenha conseguido se dominar a esse ponto. Não deve ter notado nada... E assim... Vamos, vamos... nada está acabado... A gente vai...

GIULIA Não, não, não é mais possível! Como você iria querer continuar agora que... Não, é melhor, é melhor terminar.

ANTONIO Como quiser.

GIULIA Aí está o seu amor.

ANTONIO Quer me deixar louco?

GIULIA Não, realmente é melhor terminar, e já; não importa o que possa acontecer. Está tudo acabado entre nós. Ouça, e seria até melhor que ele soubesse de tudo.

ANTONIO Ficou doida?

GIULIA É melhor, sim, é melhor! Como vai ser minha vida? Você imagina? Não tenho mais o direito de amar ninguém! Nem meus filhos! Se me inclino para dar um beijo neles, sinto a sombra da minha culpa maculando suas cabecinhas puras! Não... não... Ele se livraria de mim? Eu mesma faria isso, caso ele não fizesse.

ANTONIO Agora você já está delirando!

GIULIA É verdade! Eu sempre disse. É demais... é demais... Agora não me resta mais nada!

(fazendo força para se recompor): Ah! Vá, vá, agora: e que ele não o encontre aqui.

ANTONIO Devo ir? E deixar você? Eu tinha vindo justamente para... Não é melhor que eu...?

GIULIA Não, ele não pode encontrá-lo aqui. Volte depois, quando ele estiver aqui. É preciso. Volte logo, e calmo, indiferente, não assim... Fale comigo na frente dele, dirija-se a mim várias vezes. E eu ajo de acordo.

ANTONIO Sim, sim.

GIULIA Rápido. E se...

ANTONIO E se?

GIULIA Nada! De qualquer modo...

ANTONIO O quê?

GIULIA Nada, nada... Adeus.

ANTONIO Giulia!

GIULIA Vá embora!

ANTONIO Até daqui a pouco!

Antonio sai pela porta ao fundo.